

A POESIA LÍRICA E A PRÁTICA DA APRENDIZAGEM PELA REPRESENTATIVIDADE DA ALMA HUMANA

Maria Luzia de Almeida Alves¹

Margarida Conceição Cunha Santana²

A poesia é o vocábulo virgem de todo preconceito; o verbo criado e criador, a palavra recém-nascida. Ela se desenvolve na primeira aurora do mundo. Sua precisão não consiste em dominar as coisas, mas sim em não afastar-se da aurora.

(HUIDOBRO, 1991)

RESUMO: A proposta desse artigo é discutir, em rápidas palavras, os possíveis conceitos de poesia lírica de linguagem poética, subjetiva e imagética capaz de dar conta da representatividade da alma humana. Discutir o termo representatividade da alma humana no entendimento de Huidobro (1991), Otávio Paz (1993 e 2003) e Cohen (1978). Analisar o poema: *Ao leitor*, de Charles Baudelaire, e por fim, comentar a prática de aprendizagem da leitura da poesia com intuito de despertar o gosto pela aprendizagem com prazer.

PALAVRAS CHAVE: Poesia lírica. Aprendizagem. Leitura. Prazer.

A poesia lírica iniciou-se com os hinos religiosos de tradição popular da região da Grécia Antiga. Cantada ao acompanhamento da lira, instrumento com som melancólico, a poesia lírica se expandiu como a música da alma humana, e associada à livre imaginação e às emoções do poeta, supera o raciocínio lógico e traz para o exterior os segredos da alma humana. Rompe com a objetividade e mergulha no lócus do imaginário, onde as palavras

¹ Graduada em Letras pela UEG, Pós-graduada em Língua Portuguesa, Literatura e Ensino pela UEG. E-mail: malualmeidaalves@gmail.com

² Possui graduação em Extensão Universitária em Licenciatura de 1º Grau pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1979), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns (1994) e mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2007). Atualmente é professora visitante da unidade Estadual de Goiás, pesquisadora da Universidade Federal de Goiás (PACOP). E-mail: margaridacsantana@uol.com.br ou margaridacunha2@oi.com.br

ganham significação outra, uma aura luminosa capaz de “eivar o leitor do plano habitual e envolvê-lo numa atmosfera encantada” (HUIDOBRO, 1991, p. 213). É nesse campo da imagem e das emoções que o poeta tira a ferrugem e descobre a essência escondida debaixo do vocábulo que as designa. Assim, a linguagem poética revela um mundo que torna possível o retorno na alma perdida no terreno da razão prática. A poesia é do outro mundo, aquele da subjetividade humana por isso, a linguagem poética pode exteriorizar a alma humana.

O termo “representatividade” no entendimento de HUIDOBRO (1991) é a externalização dos sentimentos e emoções que povoam a alma humana. O autor explica que em todas as coisas há uma palavra que as designa. Essa é, pois, a palavra que o poeta deve descobrir e deve, portanto, por meio da linguagem lírica conduzir à imagem fluida que toca e desperta a alma do leitor. Então, o poeta compreende que “O valor da linguagem da poesia está na razão direta de seu afastamento da linguagem que fala” (HUIDOBRO, 1991, p.213).

Na mesma vertente desse pensamento, outro autor define poesia. Segundo Paz (1993), a poesia é a outra voz, é a voz do conhecimento, da salvação, do poder, do abandono. É a voz do interior do ser humano que se revela por meio das emoções, portanto, capaz de transformar o mundo e manter-se viva tanto na capela quanto no bar da esquina. A poesia lírica tem o artifício da linguagem imagética que representa os mais autênticos sentimentos da voz lírica.

Essa voz das paixões não tem tempo, transita, em sua transcendência, entre os humanos por meio da linguagem imagética, a linguagem que rompe com a praticidade das normas gramaticais criada de forma espontânea pelo poeta a partir de um movimento linguístico específico, objetivando atrair e, ao mesmo tempo, perturbar quem a sente.

Quem é então, o poeta, esse ser capaz de materializar as emoções humanas por meio do organismo verbal chamado poema? Para Sócrates é “[...] um ser alado, leve e sagrado, incapaz de produzir quando o entusiasmo não o arrasta e o faz sair de si. [...]”. Paz (2003, p. 195) diz que “São emissários da divindade que nos falam por sua boca”. E para acrescentar ainda sobre a ideia de poeta, Huidobro (1991, p. 214) explica: “O poeta conhece o eco das chamadas das coisas às palavras, vê os laços sutis que se estendem as coisas entre si, *ouve as vozes secretas que lançam umas as outras palavras separadas por distâncias incomensuráveis*” (grifo do autor), porque busca conhecer o passado mágico de cada palavra antes de usá-la na composição do poema. Igualmente, Paz, (1982, p. 21) acrescenta que o

poeta é aquele que “[...] utiliza, adapta ou imita o fundo comum de sua época, isto é, o estilo de seu tempo – porém modifica todos esses materiais e realiza uma obra única”. Assim, quando parece ter criado uma metáfora original, o que o poeta faz, na verdade, é inventar os termos, não a relação, pois se utiliza de uma forma já existente numa substância nova. Essa é, então, sua invenção poética (COHEN, 1978).

Independente de ser ativo ou passivo, no ato da escrita, o poeta é o fio condutor e transformador da corrente poética, pois cria estilos que determinam a forma do poema nos diferentes momentos históricos. Tudo isso só é possível porque a língua é viva e cada nação engendra a poesia que o momento e o gênio particular lhes ditam. Essas diferenças nos estilos poéticos não são frutos das variações históricas, mas de algo muito sutil e impalpável: a pessoa humana (PAZ, 1982).

Além de fio condutor entre os estilos poéticos, o poeta é também representante do drama “[...] angustioso que se realiza entre o mundo e o cérebro humano, entre o mundo e sua representação” (HUIDOBRO, 1991, p. 214). É o sismógrafo que capta os rumores de uma geração, transforma em sentimentos próprios e os devolve para a sociedade em forma de arte, e arte com a palavra. Ele cria fora do mundo que existe, o que deveria existir, ou seja, ao voltar-se para o cenário cotidiano, não o vê da rotina, mas com os olhos novos da ignorância que descobre, e até mesmo porque a poesia é a descoberta das coisas que nunca se viu. Então, o poeta é aquele que vê o já-visto como nunca-visto e faz do cotidiano o espaço da novidade e do literário o espaço da rotina ou contenção.

Desse modo, Eliot (1972), diz que como os outros gêneros literários, a poesia ocupa uma importante função na sociedade, função essa que pode ser deliberada e consciente, como as melopeias e os poemas rúnicos cuja finalidade mágica é evitar mau-olhado, curar doenças ou propiciar demônios, chamar o ser humano a refletir acerca do desequilíbrio e fragmentação nos quais submeteu sua própria existência.

Segundo Paz (1982), além da possibilidade de contato com uma linguagem artística, a poesia conduz à reflexão, pois cada vez que o leitor entra em contato com a poesia constrói, juntamente com a voz poética, diálogos capazes de conduzi-lo à reflexão acerca de si mesmo e do mundo que o cerca. Desse modo, percebemos que a leitura é um ato individual de construção de significados que, por sua vez, se configuram na interação entre autor e leitor e na interatividade dos objetivos que se tem no momento.

Assim, a poesia sobrevive de imagens criadas a partir de um campo semântico específico, e não aleatoriamente, de forma impensada, com o objetivo de suprir o contato direto e manter, juntos, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós (BOSI, 2000). Daí uma imagem desprendida de qualquer sensação visual e criada a partir de figuras de linguagem, como a metáfora, por exemplo, que assume um papel fundamental, não só para a beleza estética, mas também pelo seu caráter de duplicidade/ambiguidade e simulacro da Natureza dada. O que representa para o leitor ou ouvinte, um esforço maior na compreensão dos significados embutidos no poema.

No que diz respeito às imagens, importa dizer que elas são produzidas por meio de palavras as quais se articulam no interior do poema, constituindo, assim, as figuras de linguagem, que não são, no poema, ornamentos inúteis, mas constituem a própria essência da arte poética. Ou seja, o toque artístico que fala a alma humana.

1. Ensino e leitura de poesia na escola

A leitura é o ato de ver, por meio da palavra escrita, as experiências cotidianas e pessoais representativas para cada pessoa. Embora essa experiência seja coletiva, é também particular. E, além disso, é um dos principais meios que se tem para entrar em contato com o conhecimento contido na modalidade escrita, sendo fundamental tanto para o desenvolvimento pessoal quanto profissional do indivíduo.

No que se refere ao ensino e leitura de poesia na escola, a complexidade do ato requer do professor formação específica. É importante que o professor conheça bem as estruturas da linguagem poética, pois assim terá condições de para orientar os alunos na descoberta da beleza artística que transita dentro da obra poética por meio da linguagem conotativa.

Por meio da leitura, obtém-se uma visão de mundo, e juntos, leitura e visão de mundo, leva ao domínio da palavra. Por meio da palavra faz-se comunicação, troca-se ideias e resgata-se lembranças, volta-se ao tempo e, finalmente, constrói-se cultura.

É nesse movimento de produção cultural que se forma uma geração de leitores com apreço pela poesia. Por isso, é importante trabalhar com as crianças desde o início da fase

escolar, pois é nessa fase em que as crianças não apresentam resistência ao aprendizado da poesia e têm paixão pelo desvendar dos significados das palavras. Aliás, a leitura da poesia deveria ser incentivada e praticada desde cedo, pelos pais, no aconchego do lar. Infelizmente, o hábito da leitura literária, e mais especificamente a leitura poética, parece ficar cada vez mais distante da lista dos itens de privilégio da cultura brasileira. Nesse entendimento, é possível verificar que os jovens, em primeiro lugar, preferem entretenimentos como: jogo, filmes, bate papo na internet deixando a leitura em segundo plano.

O estudo de poesia no Brasil já foi mais valorizado, quando dispunha de posição privilegiada no currículo escolar, sendo vista como sinal de cultura. Naquele momento, estudar a poesia de clássicos consagrados como Camões, Fernando Pessoa, Machado de Assis, entre outros, era sinônimo de busca de conhecimento e cultura (ZILBERMAN, 1988).

Essa informação conduz a um questionamento: o que motivou o descrédito pelo ensino e aprendizado de poesia no Brasil? Antônio Candido (1995) tem razão quando diz que muitas vezes, os próprios professores consideram o estudo de poesia difícil e que, por isso, seus alunos não conseguirão aprender. É, pois, nesse ponto que a questão que se coloca se revela. A causa do fracasso do ensino da poesia na escola está no equívoco de pensar que se estuda poesia para aprender algo. Nesse caso, esse ato adquiriu uma conotação já rejeitada por muitos, de que na escola o ensino é para aprender. Ao contrário disso, estuda-se poesia pelo prazer de descobrir a beleza nela contida. Pelo prazer de sentir as emoções que ela desperta na alma humana, já que é ela a prática da aprendizagem pela representatividade da alma humana.

Aprender poesia é, na prática cotidiana, uma atividade que pode ser efetivada em qualquer lugar em que atua o ser humano. Ela é a oportunidade que o homem na sua dignidade pode alcançar a plenitude, ou seja, o encontro do “eu prático” com o “eu sentimento/emoção”. Nesse caso, a escola precisa estar preparada e o professor formado para estudar poesia com os alunos de forma mais prazerosa.

Na falta desse entendimento, a escola prefere o ensino da prosa. Talvez resida aí um dos motivos da falta de interesse pela leitura poética no Brasil. Como não há uma receita pronta para solucionar este problema, a família tem um importante papel, mas como o professor continua sendo o principal elo entre o conhecimento e o aluno, deve partir dele o gosto e o interesse pelo ensino do texto poético (KLEIMAN, 2002) e (LAJOLO, 1993).

A poesia congrega em si, além da beleza formal, uma gama de informações capazes de conduzir o leitor a refletir sobre a sua própria vida. Ao se identificar com o *eu lírico*, o leitor reflete sobre sua própria condição psicológica e emocional que pode encaminhá-lo para a busca de soluções para seus problemas pessoais. Assim, ela deve ser ensinada não somente como uma arte específica, mas, também, como uma arte capaz de levar o ser humano ao encontro de sua própria subjetividade. Além de possibilitar ao leitor a reflexão sobre ações voluntárias ou involuntárias que podem provocar sensações de prazer ou de desconforto. Na poesia se encontra a arte da revelação do eu que nem sempre se vê porque não se oferece a oportunidade para tal reflexão. A poesia instiga a busca pela subjetividade quando provoca as emoções e os sentimentos. O poema de Baudelaire é a expressão dessa possibilidade.

A título de exemplo, é preciso analisar, em rápidas palavras, o poema *Ao leitor*, de Charles Baudelaire.

A tolice, o pecado, o logro, a mesquinhez,
Habitam nosso espírito e o corpo vicia,
E adoráveis remorsos sempre nos saciam
Como o mendigo exhibe a sua sordidez.

Fiéis ao pecado, a contrição nos amordaça;
Impomos alto preço à infâmia confessada,
E alegres retornamos à lodosa estrada,
Na ilusão de que no pranto as nódoas nos desfaça.

Na almofada do mal é Satã Trismegisto
Quem docemente o nosso espírito consola,
E o metal puro da vontade então se evola
Por obra deste sábio que age sem ser visto.

É o Diabo que nos move e até nos manuseia!
Em tudo o que repugna uma joia encontramos,
Dia após dia, para o Inferno caminhamos,
Sem medo algum dentro da treva que nauseia.

Assim como um voraz devasso beija e suga
O seio murcho que lhe oferta uma vadia,
Furtamos ao acaso uma carícia esguia
Para espremê-la qual laranja que se enrugá.

Espesso, a fervilhar, qual um milhão de helmintos,
Em nosso crânio um povo de demônios cresce,
E ao respirarmos aos pulmões a morte desce,
Rio invisível, com lamentos indistintos.

Se o veneno, a paixão, o estupro, a punhalada
Não bordaram ainda com desenhos finos

A trama vã de nossos míseros destinos,
É que nossa alma arriscou pouco ou quase nada.

Em meio às hienas, às serpentes, aos chacais,
Aos símios, escorpiões, abutres e panteras,
Aos monstros ululantes e às viscosas feras,
No lodaçal de nossos vícios imortais

Um há mais feio, mais iníquo, mais imundo
Sem grandes gestos ou sequer lançar um grito,
Da Terra por prazer faria um só detrito
E num bocejo imenso engoliria o mundo;

É o Tédio! – O olhar esquivo à mínima emoção
Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado.
Tu conheces leitor, o monstro delicado,
— “Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão”.

(BAUDELAIRE, 1985)

É um poema com 10 estrofes de 4 versos cada e com as rimas: ABCA, DEED, FGGF, IJJI, KBIK, LMML, ENNE, OPPO, QRRQ, STTS. As imagens contidas nesse poema, em geral, pertencem ao universo subjetivo do ser humano. Por meio da palavra conotativa o poeta traz para a superfície a imensidão e os conflitos que habitam a alma do ser humano. Aqui é possível “ver” e “sentir” as paixões que ora causam tristeza, ora alegria. São imagens que revelam não só a capacidade da criação poética, mas como também o sentimento de tédio que afloram da alma do poeta, e que assim como ele, a humanidade também sente e convive com esses conflitos.

Nas duas primeiras estrofes percebemos a situação de conturbação e a sensibilidade em que se encontra a alma do eu-lírico diante do mundo. Quando fala, ele não se exclui dos comportamentos que descreve, pelo contrário, se inclui e se considera participante das mesmas angústias.

A presença do pecado é um dos temas facilmente percebidos desde o primeiro verso. Ele parece ser uma fonte de vitalidade da vida:

A tolice, o pecado, o logro, a mesquinhez,
Habitam nosso espírito e o corpo vicia,
E adoráveis remorsos sempre nos saciam
Como o mendigo exhibe a sua sordidez.

A presença do pronome possessivo “nosso” não está aqui por um acaso, mas para mostrar que o eu-lírico e o leitor compartilham das mesmas angústias provocadas pelo pecado.

Nos versos:

Fiéis ao pecado, a contrição nos amordaça;
Impomos alto preço à infâmia confessada,
E alegres retornamos à lodosa estrada,
Na ilusão de que no pranto as nódoas nos desfaça

Tem-se aqui a polaridade entre os sentimentos de remorso e a culpa, que causam angústia e tristeza, e o sentimento de superioridade. É típico do ser humano perceber, julgar e condenar os defeitos do outro, sem, no entanto, olhar para si mesmo e julgar seus próprios atos, admitir que também goste do pecado, e embora saia dele e se limpe, sempre retorna às práticas ilícitas.

Nos versos a seguir percebe-se a imagem de uma criança que quando deitada no colo da mãe e acariciada, sente segurança para dormir:

Na almofada do mal é Satã Trismegisto
Quem docemente o nosso espírito consola,
E o metal puro da vontade então se evola.
Por obra deste sábio que age sem ser visto.

Em seguida tem-se a imagem de Satã como sábio, o que nos dá a entender que o eu-lírico tem a autoestima transpassada pelo tédio.

A estrofe seguinte traz mais uma vez a imagem do Diabo como agente provocador do pecado e o ser humano como peça de seus jogos satânicos:

É o Diabo que nos move e até nos manuseia!
Em tudo o que repugna uma joia encontramos,
Dia após dia, para o Inferno caminhamos,
Sem medo algum dentro da treva que nauseia.

Porém, apesar do pecado e da angústia, sempre há um motivo para se regozijar, e é isso que faz a vida valer à pena.

Os versos a seguir levam à reflexão e à percepção de que não estamos tão longe dos demônios, muitas vezes nos comportamos como os vermes que se multiplicam em nosso pensamento e atitudes diárias.

Assim como um voraz devasso beija e suga
O seio murcho que lhe oferta uma vadia,
Furtamos ao acaso uma carícia esguia
Para espremê-la qual laranja que se enrugua.

Nessa sétima estrofe, o eu-lírico desarma aqueles que até o presente momento tinham negado tais comportamentos e chama de covardes aos que não se arriscam e não se permitem sentir, devido ao medo de errar. Para esse eu-lírico, como não errar? Se o desejo pelo pecado está entremeado aos nossos sentimentos?

Se o veneno, a paixão, o estupro, a punhalada
Não bordaram ainda com desenhos finos
A trama vã de nossos míseros destinos,
É que nossa alma arriscou pouco ou quase nada.

Nas três últimas estrofes temos a recâmara do tédio, o lugar por onde perpassam seres peçonhentos, carniceiros, desprezíveis, feras e monstros que habitam a mesma esfera que o tédio humano:

Um há mais feio, mais iníquo, mais imundo
Sem grandes gestos ou sequer lançar um grito,
Da Terra por prazer faria um só detrito
E num bocejo imenso engoliria o mundo;

Por fim, na última estrofe temos a imagem da antropomorfização do tédio em um homem grande, preguiçoso e de olhar desdenhoso que fuma cachimbo e sonha.

É o Tédio! – O olhar esquivo à mínima emoção
Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado.
Tu conheces leitor, o monstro delicado
— “Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão”.

No último verso o poeta faz um inesperado arremate ao dizer para o leitor que assim como ele, o leitor também compartilha desses sentimentos e deles não consegue se libertar: —

“*Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão*”. Portanto, a leitura desse poema é sempre inédita, ou seja, está em cada condição vivida pelo leitor em um tempo e em um lugar. E mais ainda, em que estado de espírito o leitor se encontra.

Desse modo, ao fazer a leitura interpretativa desse poema, percebe-se que a poesia, assim como a prosa, deve receber apreço em qualquer oportunidade para recitá-la. Deve-se deixar de lado a ideia de que a linguagem poética só é compreensível aos estudiosos da área. Nessa era da tecnologia, o ensino de poesia tornou-se mais acessível e fácil, porque o leitor consegue ter contato com os mais diversos poemas nos mais diferentes lugares, como a internet, por exemplo. Sente a beleza da poesia quem tem a percepção, a capacidade e a predisposição para sentir e se emocionar.

Para se trabalhar com crianças e adolescentes, o professor pode escolher poemas ilustrados, cantados, recitados por pessoas da idade deles, entre outros. Para o ensino médio, o professor pode trabalhar não só os poemas dos autores consagrados e indicados pelo livro didático, mas também poetas contemporâneos, porque são poemas com uma linguagem mais atual, mais próxima do vocabulário deles e que tratam de temas atuais que eles conhecem. O importante é a não continuação desse despreço pela poesia. Ela está em todo lugar se o leitor estiver formado/preparado para percebê-la.

Então, se o propósito é dar novo rumo ao estudo e leitura de poesia nas escolas e na sociedade em si, é o momento de os professores se apaixonarem ainda mais por essa arte. Sem isso, qualquer pessoa que queira divulgar a poesia ficará impossibilitado por não poder senti-la.

Segundo Antônio Candido (1995) os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. Então, a literatura precisa ser vista “[...] como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1972, p. 804).

Talvez, assim, reencontremos o elo perdido entre a leitura poética e nossos alunos e eles percebam que essa é uma forma de exercer sua humanidade, de expor sua natureza, de se conhecer e conhecer o mundo que os rodeia. Aí, então, a poesia voltará a assumir o lugar de privilégio no campo da leitura e da busca pela compreensão das memórias culturais de um povo, aqui convertidas em imagens pela linguagem conotativa (PAZ, 1982 e 1993).

Assim, ler poesia pelo prazer da descoberta dos sentimentos e emoções do eu-lírico

e do eu-leitor, mesmo não tendo a pretensão de ensinar algo, o ato de ler pode ser uma oportunidade ímpar de aprendizagem da leitura. Aquela que é capaz de provocar, incitar e modificar a alma humana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Lírica e sociedade**. In: BENJAMIN, W. Textos escolhidos. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ADORNO, T. W. **Teoria estética**. Trad. Artur Mourão. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

AGUIAR E SILVA, V. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina, /s.d./

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1990.
ASEGUINOLAZA, F. C. (org.). **Teorias sobre a lírica**. Madrid: Arco/ Livros, 1999.

BARBOSA, J. A. **A metáfora crítica**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
_____. *As ilusões da modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

BRITTO, P. H. **Poesia e memória**. In: Célia Pedrosa (Org.). Mais poesia hoje. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, V. 1, p. 124-131.

CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
_____. Por que ler os clássicos. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CARA, S. A. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1986.

COHEN, J. **Estrutura da linguagem poética**. Álvaro Lorencine e Anne Arnichand. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.

ELIOT, T. S. **A essência da poesia**. Trad. Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Ar Editora, 1972.

FILHO, D. P. **A linguagem Literária**. Séries Princípios. São Paulo: Ática, 1986.
_____. A linguagem. São Paulo: Ática, 1986. P. 16-27.

GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo Ática, 1985.

HUIDOBRO, V. **Altazor e outros poemas**. Trad. Antônio Risério e Paulo César Souza. São Paulo: Art Editora, 1991.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 2002.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993

LAJOLO, M; ZIBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. São Paulo: Ática, 1988.

PAZ, O. **A outra voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro ED. Nova Fronteira, 1982.

_____. **Signos em rotação**. 3 ed. 1 impressão. Coleção Debates: Perspectiva, 2003.

SILVA, D. C. **Uma teoria do poema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

STAIGER, E. Estilo lírico: A recordação. In: **Conceitos fundamentais da poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.p. 19-75.